

**Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:**

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

# ***Compartilhando Leituras durante o isolamento social: experiência de reinvenção em um projeto de extensão***

***Sharing Readings during social isolation: reinvention experience in an extension project***

***Compartir lecturas durante el aislamiento social: experiencia de reinvencción en un proyecto de extensión***



**Marcelo Macedo Corrêa e Castro**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

[marcelocorreacaastro@gmail.com](mailto:marcelocorreacaastro@gmail.com)



**Rejane Maria de Almeida Amorim**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

[rejnae.ufrj@gmail.com](mailto:rejnae.ufrj@gmail.com)

**Resumo:** O artigo tem por objetivo analisar uma das ações promovidas no âmbito do Projeto de Extensão “Compartilhando Leituras”, criado em 2019 como uma proposta de interlocução de saberes entre universidade e a comunidade. Em 2020, com a chegada da pandemia da Covid-19, o projeto se reinventou e investiu em um concurso de escrita denominado “Produções em Tempo de Isolamento”. A experiência tomou uma proporção nunca imaginada, o concurso recebeu 678 textos, escritos nos mais diferentes gêneros e estilos, por pessoas de várias cidades do Brasil e de outros países, com idades que variaram entre mais de setenta, em uma ponta, e seis anos de idade, na outra. Deprendemos uma análise do processo de

organização de todas as fases do concurso e os desafios de uma prática completamente nova para todos em um momento de incertezas, apoiados especialmente em Santos (2004, 2013) e Freire (1980), autores que apostam na extensão como o espaço privilegiado de ampliação do alcance social da universidade e da transformação de todos os envolvidos. Como resultado da nossa ação, buscamos na voz dos participantes, autores dos textos, a expressão do quanto foi especial e diversa a experiência desse compartilhamento, que também se materializa em forma de livro com 31 textos selecionados e disponíveis ao público.

**Palavras-chave:** Extensão. Escrita. Universidade.

**Abstract:** The article aimed to analyze one of the actions promoted under the Extension Project "Sharing Readings", created in 2019 as a proposal for interlocution of knowledge between university and community. In 2020, with the arrival of the Covid-19 pandemic, the project reinvented itself and invested in a writing contest called "Productions in Time of Isolation". The experience took on a proportion never imagined, the contest received 678 texts, written in the most different genres and styles, by people from several cities in Brazil and other countries, with ages ranging from over seventy, at one end, to six years old, at the other. We derived an analysis of the process of organizing all the stages of the contest and the challenges of a completely new practice for everyone in a moment of uncertainty, supported especially in Santos (2004, 2013) and Freire (1980), authors who bet on extension as the privileged space for the expansion of the social reach of the university and the transformation of all involved. As a result of our action, we sought in the voice of the participants, authors of the texts, the expression of how special and diverse was the experience of this sharing, which also materializes in the form of a book with 31 texts selected and available to the public.

**Keywords:** Extension. Writing. University.

**Resumen:** El artículo tuvo como objetivo analizar una de las acciones promovidas en el marco del Proyecto de Extensión "Compartiendo Lecturas", creado en 2019 como propuesta de interlocución de saberes entre la universidad y la comunidad. En 2020, con la llegada de la pandemia de Covid-19, el proyecto se reinventa y apuesta por un concurso de escritura llamado "Producciones en tiempo de aislamiento". La experiencia adquirió una proporción nunca imaginada, el concurso recibió 678 textos, escritos en los más diferentes géneros y estilos, por personas de varias ciudades de Brasil y otros países, con edades que van desde más de setenta años, en un extremo, hasta seis años, en el otro. Derivamos un análisis del proceso de organización de todas las fases del concurso y de los desafíos de una práctica completamente nueva para todos en un momento de incertidumbre, apoyado especialmente en Santos (2004, 2013) y Freire (1980), autores que apuestan por la extensión como el espacio privilegiado para la expansión del alcance social de la universidad y la transformación de todos los involucrados. Como resultado de nuestra acción, buscamos en la voz de los participantes, autores de los textos, la expresión de lo especial y diversa que fue la experiencia de este intercambio, que también se materializa en forma de un libro con 31 textos seleccionados y disponibles para el público.

**Palabras clave:** Extensión. La escritura. Universidad.

*Data de submissão: 28/07/2022*

*Data de aprovação: 27/12/2022*

## Introdução

Em 2008, oferecemos um curso de extensão para professores de Língua Portuguesa, com o objetivo de examinar criticamente as relações entre a evolução da prova de redação no vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no período de 1988 a 2007, e as mudanças havidas na educação básica, especialmente no ensino médio, no que se refere às práticas de ensino-aprendizagem da escrita, durante o mesmo período.

Tratava-se de uma estratégia para a realização da etapa final de um projeto de pesquisa que focalizava a relação entre a prova de redação do vestibular da UFRJ e o ensino da escrita na educação básica. Em vez de entrevistarmos professores, como havíamos inicialmente previsto, oferecemos um curso, no qual socializamos os achados da nossa investigação e, coletivamente, construímos o exame crítico mencionado no objetivo.

Desse exame surgiu o movimento de criação de um espaço para a ampliação do debate entre os sujeitos e os saberes da universidade e da educação básica. Com esse propósito, foi criado, no âmbito da Faculdade de Educação da UFRJ, o *Fórum de Ensino da Escrita*.

Durante os primeiros anos, promovemos discussões semanais sobre a temática da escrita: suas finalidades, os desafios de ensiná-la, como formar professores para o seu ensino. A decisão da UFRJ de aderir inteiramente ao ENEM como forma de ingresso na graduação levou ao

enfraquecimento daquele primeiro grupo, todo ele nucleado a partir da atuação com as provas dos exames vestibulares.

Em razão disso, inauguramos um novo ciclo. Para tanto, compusemos o grupo também com professores universitários e da educação básica, mas com a ampliação das suas áreas de atuação. Sempre tendo como fator de convergência o ensino da escrita e a formação dos seus professores, construímos um coletivo que abrangia profissionais de educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos e ensino superior. Passamos também a incluir no grupo estudantes de graduação, especialmente os de Pedagogia.

Na nova etapa, realizamos ciclos de palestras, aulas abertas, sessões públicas de debates com convidados e, finalmente, cursos de extensão. Nesse meio tempo, deixamos a condição de projeto de extensão e passamos a nos constituir como um grupo de ações de ensino, extensão e pesquisa devidamente cadastrado no diretório do CNPq. Nos últimos seis anos, consolidamos uma prática de extensão que privilegia a formação dos licenciandos de Pedagogia e a interlocução com os docentes e pedagogos que atuam nos diversos segmentos da educação básica.

Em todo esse percurso de catorze anos no grupo de pesquisa, tivemos como base de ação a defesa da escrita e do seu ensino como processos de humanização e de constituição dos sujeitos, com a valorização da autoria e da liberdade diante do ato de escrever, sem descuidar da dimensão social da escrita.

Em 2018, tendo assumido a gestão da Decania do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, desenvolvemos, no âmbito da sua Coordenação de Integração Acadêmica de Graduação, uma proposta que alargava nossa experiência para o campo da leitura: o projeto *Compartilhando Leituras*.

A proposta do projeto, para além da leitura literária, encontrava-se no movimento das leituras de mundo. Nesse sentido, ousamos reconhecer e privilegiar as possíveis manifestações culturais dos indivíduos, em suas mais diversas áreas. Nosso trabalho visava a apresentar as temáticas trazidas por palestrantes convidados nos mais diversos segmentos educacionais, desde a educação infantil e espaços não formais de saber, à universidade, promovendo amplos debates que circundassem a educação e suas diversas interpretações e contextos.

Nossa equipe era formada por cinco estudantes, sendo quatro do curso de Pedagogia e um do curso de Jornalismo, além de dois professores e um técnico em assuntos educacionais. Consideramos uma equipe pequena para o trabalho que nos esperava.

O princípio básico para que a universidade passe a cumprir o seu papel de agência formadora, segundo Santos (2004), é ter uma inspiração fundamental da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tríade que estava presente na construção desse novo projeto, que pensava em oportunizar um espaço coletivo que iria gerar algo novo para todos os envolvidos.

Com a experiência advinda de nossas atuações, conseguimos nos aproximar de âmbitos artísticos, literários e redes de sociabilidades dentro do ambiente universitário e escolar. Durante o ano de 2019, promovemos nove eventos ao todo, sendo oito na UFRJ e um em uma escola pública de ensino fundamental. Após esses eventos, realizamos um mapeamento de escolas que desejavam receber o *Compartilhando Leituras*, detalhando as temáticas que estavam postas em seus projetos políticos pedagógicos.

Inicialmente, compartilhamos leituras literárias: Cora Coralina, Shakespeare, Clarice Lispector. Em uma nova rodada, compartilhamos leituras de mundo: a trajetória do jornal O Pasquim, além do processo de exclusão escolar de transsexuais e travestis. Conforme defende Santos (2004), a perspectiva de um conhecimento “pluriversitário” não apenas beneficia as comunidades que têm seus saberes levados em conta, mas também renova a própria universidade, na medida em que se abre ao debate e tensiona para novos temas nem sempre corriqueiros em um ambiente acadêmico.

Em março de 2020, fomos surpreendidos pelo anúncio da pandemia de COVID-19 e, logo a seguir, por todas as consequências advindas do necessário isolamento social determinado pelas autoridades sanitárias. Como consequência, todas as atividades presenciais foram suspensas: aulas, orientações individuais de estudantes, reuniões de grupos de pesquisa e extensão, sessões de defesa pública de trabalhos de conclusão de curso etc. Essa



suspensão, sem qualquer perspectiva de prazo para o retorno à normalidade, gerou muita incerteza sobre todos o corpo social da UFRJ acerca dos caminhos a seguir para enfrentamento da situação.

Envoltos nessa incerteza geradas pela pandemia e constatando de fato o que nos diz Santos (2013), sobre a universidade não estar preparada para desafios, tentamos manter o grupo unido e ponderamos sobre nosso formato já tão incomum e diverso, ora realizando ações de dentro da universidade para fora, ora de fora para dentro. O passo foi dado e decidimos que seria interessante buscar uma reinvenção que estivesse ligada as ações da universidade para o momento de crise.

A instituição de forma coletiva se voltava para a pesquisa e a produção de vacina, discutia e buscava caminhos para a formação docente para a retomada de atividades de ensino de forma remota, se empenhava na produção de álcool em gel e outros insumos utilizados no atendimento em saúde e em falta no mercado, realizava apoio psicológico a pacientes e familiares, além de tantos outros desafios dado o impedimento de contato social. Sentimos que precisávamos nos unir a esses esforços e a partir de discussões e acertos no grupo decidimos abrir um caminho novo que favorece a escrita, a poesia e a criação. Assim como a saúde estava em pleno trabalho, ponderamos que a ampla oportunidade de investigação e de projetos de extensão nas várias áreas do conhecimento favorecem o

desenvolvimento equilibrado das ciências (SANTOS, 2013) e beneficia toda a comunidade acadêmica.

Após as primeiras semanas da instalação do regime de isolamento, convencidos de que ele duraria por tempo indeterminado, passamos a nos mobilizar para a construção de ações que de alguma forma nos mantivessem em movimento. Dessa mobilização, surgiu a ideia da realização de uma ação de escrita que nos projetasse para o fim da pandemia, mas, ao mesmo tempo, tivesse suas raízes naquele momento particularmente desafiador.

Em nossas redes sociais, divulgamos então o convite para um concurso de escrita sobre o futuro pós-pandemia: mil palavras, em qualquer gênero, sem restrição de idade ou de formação. Era uma tentativa modesta de mantermos nossa atenção voltada para a escrita e suas questões.

Freire (1980), ao propor o entendimento da extensão universitária como uma ação cultural, que além de conhecimento pode ser também ação social transformadora dos sujeitos que integram um projeto. No momento da proposta não conseguimos dimensionar o quanto os pressupostos freireanos que nos guiam estariam presentes.

Para a nossa surpresa, recebemos 678 textos durante o mês de maio de 2020, escritos nos mais diferentes gêneros e estilos, por pessoas de várias cidades do Brasil e de outros países, com idades que variaram entre mais de setenta e quase seis anos de idade. Isso nos obrigou a redimensionar o que havíamos planejado e, principalmente, levou-nos a mobilizar um conjunto bastante ampliado de sujeitos.

Investindo em pequenas ações, partimos para “transformar as atividades de extensão até que elas transformem a universidade” (SANTOS, 2013, 426) e possam de fato cumprir com o papel genuíno de responsabilidade social atrelado à extensão.

E é esse processo, com todas as inflexões que tivemos de realizar em nosso acúmulo como proponentes e executores de ações de extensão, que relatamos nas próximas sessões.

## A proposta

A resposta do grupo responsável pelo projeto *Compartilhando Leituras* às incertezas sobre a continuidade das ações veio rapidamente, com a divulgação, já no mês de abril, da chamada pública para um concurso de escrita denominado “Produções em Tempo de Isolamento”. Com inscrições abertas para envio de texto em qualquer gênero, com no máximo 1000 palavras, a chamada propunha que os autores escrevessem sobre os “planos, metas e percursos pós-quarentena”. De acordo com o material de divulgação, as cinco melhores produções integrariam um e-book, a ser publicado em 2020, e os autores participariam de uma mesa-redonda quando as atividades presenciais fossem retomadas. Os textos deveriam ser enviados até o dia 8 de maio, para o endereço eletrônico do projeto.

Muitas indagações sobre a simplicidade dessa participação chegaram aos nossos canais. Autores já

acostumados com normas de concursos de escrita questionavam o envio pelo e-mail e professores da educação básica nos escreviam para agradecer a novidade com a qual trabalhariam em suas escolas. Conforme relatam os extensionistas do *Compartilhando Leituras*, “já na primeira semana lotaram a nossa caixa de entrada no e-mail; a página do Instagram duplicou o número de seguidores e chegamos à marca de dez mil impressões pelo Facebook”. (AMORIM e TAVARES, 2020, p.89).

## As respostas

Responderam ao nosso convite 678 textos, escritos por 680 autores, visto que um deles foi produzido a três: pela autora, uma criança com cinco anos de idade, sua mãe e sua avó, que ilustrou a história. Recebemos contos, minicontos, poemas, cordel, ficção científica, carta, previsões de futuro. Recebemos, sobretudo, mensagens de valorização da escrita como prática do autoconhecimento e da expressão e como meio para compartilhar e para buscar sonhos, desejos e objetivos.

Freire (1980) sugere a mudança do termo “extensão” por “comunicação”, para reforçar o ato do diálogo entre a sociedade e toda a comunidade acadêmica. Para o autor, sem essa comunicação, a universidade retira da comunidade as condições de desenvolvimento coletivo de todos os envolvidos, fator importante em um movimento de transformação. Ler o texto que cada um dos participantes

enviou e se lançar nessa proposta abriu as portas para essa escuta.

A proposta original, formulada com a expectativa de receber uma quantidade de textos bem inferior, previa que seriam premiados com publicação os cinco melhores textos. Acabamos por ampliar a publicação, a fim de contemplar um percentual mais representativo do universo total de textos enviados. Mantivemos, todavia, a indicação dos cinco melhores, conforme previsto na premiação inicialmente divulgada, para que não fossem alteradas as regras de um concurso público que se encontrava em andamento.

Apenas dentre os trinta e um trabalhos que foram publicados, encontramos textos vindos de dezoito cidades brasileiras, localizadas em oito estados, e da cidade portuguesa de Lisboa, de onde vieram dois textos, um deles de autoria de um cidadão italiano. Recebemos textos de Astolfo Dutra (MG), Barra do Corda (MA), Bauru (SP), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Carapicuíba (SP), Cuiabá (MT), Dianópolis (TO), Lisboa (Portugal), Miguel Pereira (RJ), Miradouro (MG), Niterói (RJ), Nova Friburgo (RJ), Nova Iguaçu (RJ), Pelotas (RS), Petrópolis (RJ), Porto Alegre (RS), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ).

Nesse conjunto de trinta e um autores, há pessoas com diferentes formações: administração, arquitetura, design, história, jornalismo, magistério, medicina, pedagogia, psicologia, sociologia.

Há uma “Menina de 5 anos, estudante da educação infantil (jardim III), muito criativa, alegre, cheia de energia, e

que ama desenhar, pintar e brincar com bola e bonecas”. E também há uma “Mulher negra, mãe, avó, pedagoga (fruto de políticas públicas, aprovada no Enem), 47 anos, é moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro”. (AMORIM e TAVARES, 2020, p.92 e p.94)

Dos cinco escolhidos como os melhores, podemos extrair dados que expressam como foi especial a experiência desse compartilhamento.

**Primeiro colocado: Colheita**, de Thiago Luz. Graduado em letras e premiado em outros certames, Thiago Luz escreveu sobre o fim da quarentena e a volta ao convívio presencial como fruto colhido dos tempos de pandemia: “eu quero voltar à rua pós-quarentena como quem chegou agora ao mundo, e saborear a grande novidade de estar vivo” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.10). O autor extrai a humanização da dura experiência de enfrentar a morte: “Depois de plantar nossos mortos, espero que possamos colher a nossa humanidade” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.10)”.

**Segundo Colocado: Sobre o Momento, a Lógica e o Bom Senso: “apenas uma flor, capitão”**, de Samir Schneid. Professor do Departamento de Clínica Médica da Universidade Federal de Pelotas, Samir Schneid recorreu aos seus conhecimentos profissionais para afirmar que: “A ciência médica tem nos ensinado uma dura lição há décadas: a premência de fazer algo, de tomar uma atitude, de usar o bom senso, nem sempre é o melhor a ser feito” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.11).

De forma contundente, propõe reflexões sobre as nossas contradições: “Vejam se faz sentido aplausos para os profissionais da saúde que estão saindo dos seus lares para morrer por um sistema que não coloca o ser humano em primeiro lugar. Não há coerência nisso” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.12).

Para concluir, recorre aos ensinamentos do Dr Spock, famoso personagem do não menos famoso seriado *Jornada nas estrelas*: “E, para aqueles que consideram a razão pura incompatível com o afeto, resgatei outra frase do vulcaniano: “Uma pessoa pode começar remodelando a paisagem com apenas uma flor, Capitão.”

**Terceiro Colocado: Devoto para o Futuro**, de Gustavo Fernandes. Morador da cidade do Rio de Janeiro, com 34 anos de idade, Gustavo Fernandes se apresenta como “designer apaixonado por arte, literatura e capas de livros. Escritor nos sonhos, que se arrisca nas horas vagas”.

Gustavo escreve uma carta para alguém que sempre admirou de longe, para se “apresentar sem pressa pra chegar no tempo de lhe alcançar” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.14).

Mais adiante, acrescenta: “Não sei as respostas pra tudo, e não me cabe apenas imaginar, mas posso afirmar, convicto, o teor dos meus planos. Quero ser um novo eu mais preparado para as adversidades do mundo. Reconstruído com material sólido” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.16).

Por fim, assume seu projeto de futuro: “Virar um escritor capaz de transplantar ao papel meus sentimentos mais profundos; entender que não preciso colecionar culpas e que mais vale juntar sorrisos” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.16).

**Quarta colocada: Mundo Novo**, de Heriete Takeda. Natural da cidade de São Paulo, aposentada, a autora completou 63 anos em plena pandemia e afirma em sua minibiografia: “Escrevo para exercer o meu ser e ter horizonte”.

Seu texto dialoga com a perda do companheiro de vida. Primeiro fala do medo, dos fantasmas, do invisível: “Sempre tive medo do invisível. Do escuro, dos fantasmas, da solidão. Você ria do meu medo infundado, mas não sabia – nenhum de nós sabia – que nossas vidas seriam decididas por ele. O invisível pode ser Deus, o ar ou um vírus” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.17).

A seguir, parece depor de vez suas forças e possíveis planos de vida: “Eu me acostumei, não quero recomeçar coisa alguma, não tenho mais idade para isso. Já fiz muito em aceitar a cuidadora que invadiu nossa casa para entoar a cada três horas a ladainha de que eu preciso comer para ficar forte, reagir pelos meus filhos e pelos meus netos” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.18).

Por fim, resolve tomar outro rumo: “Sim, já estamos no outono. Nós somos o outono. E este mundo novo precisará de nós. Então, meu amor, decidi: vou parar de chorar” (p.19). E envia, em tom decidido, um recado ao companheiro que



descansa em paz: “Por isso, me ouça. Nem sei se você continua surdo, mas preste atenção no que eu vou te dizer: não venha me buscar agora! Me espere um pouco mais” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.19)”.

**Quinta colocada: A Quarentena e o Tempo**, de Kíssila Muzy. Em seus próprios termos, Kíssila Muzy: “Reside na cidade de Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro, onde divide seu tempo entre cuidar da família, escrever contos, crônicas e poesias e refletir sobre como contribuir para melhorar o mundo” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.20).

Kíssila lida com os tempos que lhe desafiam. Começa por revelar uma decisão tomada: “Qualquer reflexão sobre o tempo nasce fadada a ocupar muitas páginas. Por isso, resolvi aceitar a estranheza e fazer dela uma aliada. A sensação de incômodo, portanto, continua aqui” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.20).

O incômodo, segundo a autora, surge “quando acato a sugestão de olhar para dentro de mim, tão comum nos últimos dias, mas me limito a acenar e seguir em frente na busca de algum caminho que possa percorrer sem que a perturbadora sensação de distorção do tempo me afete” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.20).

De um lado, a ideia de parar o tempo: “Já pensei em guardar relógios de pulso e de parede bem longe das minhas vistas, talvez enterrar no quintal” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.21), De outro, a tentação de voltar no tempo ou de ralentar sua marcha: “Ao mesmo tempo, flerto com a marcha à ré. Nada mais pertinente em dias parados

que aplicar propostas dos movimentos *slow life*. Ou simplesmente internalizar que o *slow* pode vir a ser esse novo que estão preconizando” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.21).

Finaliza seu texto reconhecendo que o tempo é percebido por meio de uma relação nossa com a experiência de vivê-lo: “Para mim, o mais visível tem sido a revisão da minha relação com o tempo, começando por reconhecer e receber o incômodo que me atravessa e me força a procurar tudo o que está oculto, e que sempre fez parte do mundo apesar de proscrito das reflexões pela falta de....tempo” (AMORIM e TAVARES, 2020, p.22).

## A devolutiva

Ao ampliarmos o escopo para a totalidade dos autores, temos um universo de idades, ocupações e motivações extremamente rico por sua diversificação. Essa quantidade e variedade de respostas foi surpreendente, por sua amplitude, e desafiadora, por sua complexidade, mas, ao mesmo tempo, reforçou a presença dos sentidos da escrita em um cenário muito maior que o da educação escolar e o da formação de professores.

O conjunto de textos recebidos nos desafiou. Por compor, tanto pela sua quantidade quanto pela sua diversidade, uma resposta muito além do que estávamos esperando quando propusemos a ação. O que fazer? Criar

categorias? Assumir critérios de eliminação e/ou classificação rigorosos?

Como escrevemos na apresentação do *e-book*:

Os textos que vão a seguir, todavia, devem ser recebidos menos como ganhadores de um concurso, e mais como uma coleção de exemplos do esforço humano de compartilhamento. Para os objetivos da nossa ação, importa mais valorizar esse compartilhamento como prática de civilização do que como construção de parâmetros de julgamento e disputa. (AMORIM e TAVARES, 2020, p.8)

Com base nessa perspectiva e por coerência com toda a nossa história, construímos um processo de avaliação que adotou critérios bastante consolidados, como pertencimento ao tema, respeito aos parâmetros formais e qualidade do texto. E convidamos para participar do processo de avaliação servidores técnico-administrativos de áreas como a Biblioteconomia e a Sociologia, com atuação na Decania, e professores da UFRJ que não participavam do projeto. Os estudantes atuaram não só como avaliadores, como também na coordenação do processo, com várias etapas, que nos levou à escolha dos trinta e um trabalhos a publicar e dos cinco primeiros colocados.

Marcado por muitos desafios em relação ao que estávamos acostumados a desenvolver em nossas ações de extensão, o processo de avaliação nos proporcionou a oportunidade de colocar em prática nossa capacidade de

lidar com o inesperado. Para tanto, algumas inflexões se mostraram necessárias.

Em primeiro lugar, tivemos de trabalhar sem perspectiva do parecer de especialista. Nosso conjunto de avaliadores era vasto e diversificado. A solução consistiu em simplificar os critérios e sua aplicação. Na primeira fase distribuímos os dezessete avaliadores pelas etapas de acordo com sua experiência em processos de avaliação de textos. O primeiro grupo composto por seis avaliadores selecionou em uma tabela e também em pastas em um documento digital, os textos que seguiram para segunda fase. O critério foi o atendimento ao solicitado, como estar dentro do tema, ter até 1000 palavras e não ter sido publicado. Foram selecionados 445 textos que seguiram para segunda fase.

Na segunda fase, oito avaliadores receberam pastas com um pouco mais de 50 textos e classificaram os que iriam para fase final. Aqui analisaram aspectos mais relacionados a organização da escrita e criatividade. Fizemos um esforço para gerar pelo menos três julgamentos convergentes para se chegar à seleção final.

Selecionamos 225 textos, que foram lidos por oito avaliadores, numa banca composta em especial pela equipe da Biblioteca do CFCH, que revelou a escolha de 31 textos, dos quais se elegeu os cinco melhores, mas todos foram publicados.

Depois de quatro semanas trabalhando intensamente com essas avaliações, alcançamos uma seleção que

mereceu de todos os integrantes uma aprovação sem discordâncias ou incômodos. O mesmo pode ser afirmado sobre a recepção por parte dos candidatos, que em momento algum se mostraram insatisfeitos com qualquer aspecto da avaliação.

A mesa-redonda presencial acabou sendo substituída por um encontro em ambiente virtual, o que não nos impediu de viver momentos de emoção e de compartilhar com os autores nossa satisfação pelos resultados da ação.

Coincidência ou não, outras instituições promoveram ações de escrita como forma de enfrentamento da pandemia. No nosso caso, a proposta respondeu de forma muito positiva às nossas pretensões de propor algo nessa direção.

## Considerações Finais

Falar do aprendizado coletivo que foi gerado ao longo do projeto de extensão é sempre um movimento limitado pela nossa capacidade individual de apreender as experiências, visto que a diversidade de sujeitos envolvidos e os papéis desempenhados foram igualmente distintos, porém podemos inferir, a partir de nossa vivência durante essa ação, que nem mesmo a ausência de atividades presenciais foi empecilho para o aprendizado mútuo e para a imersão em um movimento totalmente novo. Os cinco extensionistas foram convidados a escrever uma narrativa sobre a sua participação no concurso e, dada a qualidade do

texto e empenho durante todos os momentos da ação, publicamos no e-book o texto da equipe como fechamento do material.

O trabalho coletivo e o apoio junto aos pares qualificados com experiência em concursos e na área da escrita garantiu que pudéssemos oferecer segurança à equipe. Os extensionistas relatam que: "A lição que nos deixa é de que podemos e devemos sempre nos (re)inventar e buscar a união com nossos pares para tornar a caminhada mais leve". (AMORIM e TAVARES, 2020, p.91)

Para Kramer (2000, p. 114) "o que faz da escrita uma experiência é o fato de que tanto quem escreve quanto quem lê enraízam-se numa corrente, constituindo-se com ela, aprendendo com o ato mesmo de escrever ou com a escrita do outro, formando-se". Esse enraizamento na leitura de vivências distintas que nos emocionavam, nos faziam rir e querer partilhar o texto que já fazia parte de nossa vida no exato momento representou o grande desafio de todo o processo. Como escolher algo, dentre tanta criatividade, beleza e singularidade?

O cuidado que tivemos com o material recebido, assim como a leitura atenta de um autor desconhecido, ensinou muito sobre humanização e sobre o quanto abrimos um espaço importante para aqueles que precisavam se expressar e contar suas histórias. Um participante que teve seu texto selecionado entre os 31 publicados contou no encontro virtual (*live* transmitida via *YouTube*) que nunca tinha sido tratado como autor, que quando recebia nossos

avisos pelo seu e-mail ria sozinho, por não imaginar que algo tão lindo estivesse ocorrendo em sua vida. O projeto proporcionou a organização de um livro digital disponível, que passou a ser para nós uma pequena cápsula do tempo, que refez um caminho nunca vivido por nós e sobre o qual podemos contar para as próximas gerações.

Além de todo o saber produzido, formas de trabalho coletivo nunca experimentadas antes e que deram certo, fica para o grupo um material rico de escrita, do nosso objeto de pesquisa dentro do Grupo de Ações de Ensino, Extensão e Pesquisa Fórum de Ensino da Escrita (GRAFE), que acaba entrando no diálogo sempre lançado pelo grupo sobre o gesto de escrita que foi assumido por tantos.

Em relação à categoria inaugurada por Freire (2014), dos percebidos destacados, transformados em inéditos viáveis, ponderamos que podemos contribuir para pensar na mobilização diante de situações-limite, que nos instigam a novas descobertas. Se iniciássemos todo o processo hoje, com a experiência adquirida nessa ação, certamente seria mais fácil, mas a alegria da descoberta, o inédito e as parcerias conquistadas transformaram uma ação de extensão em um momento de partilha e humanização que nos desafia a narrá-la em um texto.

## Referências

- AMORIM REJANE MARIA DE ALMEIDA. TAVARES, VALDETE VIANA (ORG). **PRODUÇÕES EM TEMPO DE ISOLAMENTO: POETIZAR E REGISTRAR O INÉDITO**. RIO DE JANEIRO: CARTA CAPITAL, 2020. E-BOOK. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PANTHEON.UFRJ.BR/BITSTREAM/11422/13011/1/AMORIMTAVARES.PDF](https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/13011/1/AMORIMTAVARES.PDF). ACESSO EM 20 DEZ. 2022.
- FREIRE, PAULO. **EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO?** RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 5. ED. 1980.
- FREIRE, ANA MARIA ARAÚJO NOTAS EXPLICATIVAS. *IN*: FREIRE, PAULO (ORG.). **PEDAGOGIA DA ESPERANÇA: UM REENCONTRO COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. 21. ED. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 21. ED. 2014.
- KRAMER, SONIA. ESCRITA, EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO – MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO DE ESCRITA. EM **LINGUAGENS, ESPAÇOS E TEMPOS NO ENSINAR E APRENDER** (PP. 105-121). RIO DE JANEIRO: DP&A. 2000.
- SANTOS, BOAVENTURA SOUSA. **A UNIVERSIDADE NO SÉCULO XXI: PARA UMA REFORMA DE- MOCRÁTICA E EMANCIPATÓRIA DA UNIVERSIDADE**. SÃO PAULO: CORTEZ, 2004.
- SANTOS, BOAVENTURA SOUSA. **PELA MÃO DE ALICE: O SOCIAL E O POLÍTICO NA PÓS-MODERNIDADE**. SÃO PAULO: CORTEZ, 14. ED, 2013.